

Tex Clark, do Jardim Zoológico de Kansas City, tinha dois amôres—os animais e as crianças desobedientes

O Homem das Cicatrizes Risonhas

Hubert Kelley

TEMPLE e Ararat eram dois dos elefantes mais elegantes do mundo porque eram esfregados regularmente com pedra-pomes e untados com um óleo especial que lhes tornava o couro macio e arroxeadado em lugar do enrugado e sujo cinza que é comum nos elefantes de circo. Durante muitos anos, êsse ritual foi

dirigido por Tex Clark, diretor do Jardim Zoológico de Swope Park, em Kansas City, Estado do Misúri, em cordial lembrança de um elefante que mostrara ser seu amigo nos seus tempos de rapaz.

Desde cedo órfão, Clark fugiu da casa onde o haviam criado, em Gainesville, no Estado do Texas, quando tinha 13 anos, e entrou para um circo na qualidade de servente. Dormia em cima da palha no cercado dos elefantes. Muitas noites se metia de rastros por entre as patas dos gigantescos animais, machucado e em lágrimas, depois de ter sido espancado pelo chefe dos serventes, e uma velha elefanta chamada Mamãe o cobria com a palha e carinhosamente lhe afagava o rosto com a tromba. O amor de Tex pelos elefantes durou até ao fim da sua vida.

Outros animais nem sempre eram tão bondosos. Pequenas cicatrizes em forma de meia-lua no rosto redondo de Tex eram uma prova disto. Mas tais cicatrizes não o desfiguravam realmente, pois quando o



seu rosto se iluminava e os seus olhos azuis brilhavam—como acontecia à chegada de novos animais ao jardim zoológico—as cicatrizes pareciam sorrir também.

Foi a felicidade que êle sentia no amor a todos os animais que lhe permitiu transformar o Jardim Zoológico de Swope Park de uma simples coleção de quintal num dos dez maiores estabelecimentos do seu gênero dos Estados Unidos, e o levou a ser presidente, em 1933, da Associação Americana de Jardins Zoológicos e Aquários. Embora Tex quase não tivesse tido instrução escolar, era vasto o seu conhecimento prático dos animais. Não distinguia um gênero de uma espécie e empregava o termo “família” no sentido mais lato possível—os animais eram todos membros da *sua* família. Mas empregava o amor e a bondade como substitutos da técnica científica e isso parecia dar o mesmo resultado.

Quando Ararat tinha tosse, Tex preparava muitos litros de xarope de acôrdo com uma receita de circo e passava a noite fazendo descer o remédio pela goela do animal. Certa vez um serpentário quebrou a perna. Esta parecia estar prêsa apenas por uma membrana e a maioria dos tratadores de animais teria logo sacrificado a ave. Mas Tex encanou a perna com tabuinhas, cola e esparadrapo, e o serpentário escapou. Quando uma epidemia de septicemia hemorrágica atacou o jardim zoológico e os veterinários tiveram medo de injetar sôro preventivo nos

grandes felinos, Tex se incumbiu pessoalmente do serviço. Foi de jaula em jaula, fazendo festas e falando com os leões, tigres e pumas antes de cravar nêles a agulha.

Tex era capaz de chegar a qualquer extremo para proteger os seus animais. Nunca me esquecerei da noite em que uma pantera negra fugiu no momento em que estava sendo entregue ao jardim zoológico. A notícia foi dada pelo rádio e logo a cidade ficou em pânico. Centenas de pessoas apavoradas comunicavam haver visto a fera e os carros da polícia corriam pelas ruas. Tex tinha certeza de que o animal não atacaria pessoa alguma porque fôra alimentado pouco antes de fugir, mas receava que algum polícia lhe desse um tiro.

Naquela época eu era repórter do *Star* de Kansas City junto ao jardim zoológico e fui com Tex para o lugar onde a pantera fôra afinal descoberta. Entrara por um comprido túnel formado por grandes canos de esgotos arrumados ponta com ponta numa obra. Em cada extremidade do túnel estava postado um guarda, de pistola em punho.

—Não atirem—gritou Tex.—Deixem o caso comigo. De que lado ela entrou?

Em seguida, armado apenas com uma lanterna elétrica e com a sua bengala, Tex entrou de rastros pelo túnel atrás da fera, gritando à medida que avançava. Afinal, ouvimos rugidos e, depois, a amedrontada pantera correu velozmente para a

jaula portátil que fôra colocada na outra extremidade do túnel.

—E se ela se voltasse contra o senhor?—perguntou um polícia admirado.

—A luz da lanterna a cegaria—disse Tex—e eu a cutucaria com a bengala. Os animais são como os homens, sabia?

Houve outro incidente no cercado dos ursos ao ar livre. Era num domingo e as crianças se amontoavam em tórno das jaulas, deliciando-se com as coisas que os ursos faziam. De repente Tex percebeu que na jaula dos ursos-pardos em que devia haver dois animais só havia um.

Atrás da jaula havia um túnel onde os ursos ficavam na hora de limpar a jaula. É claro que a porta do túnel para fora se conservava fechada, mas, levado por uma suspeita, Tex foi ver. De fato, a porta estava aberta e ali, movendo-se indolentemente sôbre a relva, estava um urso-pardo de meia tonelada, um dos animais selvagens mais perigosos.

Nesse momento um empregado que havia percebido a grave situação apareceu correndo com uma carabina.

—Não atire!—ordenou Tex enèrgicamente.—Êsse é o meu urso favorito.

Dizendo isso, encaminhou-se brandindo a bengala, para onde estava o animal.

—Para trás! Para trás!—disse êle severamente, procurando não altear a voz para não alarmar as crianças que estavam ali perto, do outro lado.

O urso rosou e ficou de pé nas patas traseiras. Tex deu-lhe com a bengala no focinho. A fera deu um salto para a porta do túnel. Logo que o urso entrou, Tex fechou a porta com um pontapé em cima dêle, afastando assim de uma tarde feliz de domingo o último vestígio de uma ameaça.

Depois voltou-se para mim e disse:

—Nunca se sabe o que vão fazer os animais cativos. Às vêzes fazem exatamente o que se ordena e outras despedaçam uma pessoa. Uma vez eu arranquei um dente dêsse urso. Talvez êle se tenha lembrado disso e tenha ficado com mêdo.

Ao empregado disse:

—Obrigado pela ajuda, mas nós estamos aqui para guardar animais e não para matá-los. Eu vou matar é a pessoa que deixou essa porta aberta . . .

Se não fôsse Tex, provàvelmente não haveria jardim zoológico em Kansas City. Só o mais devotado dos homens poderia ter lutado tão àrduamente durante anos por uma causa que deixava tão indiferentes naquele tempo as autoridades municipais. Estas eram muito parcimoniosas com as suas verbas e ainda me lembro de como Tex obteve Cleo, o hipopótamo-fêmea, que lhe dava mais orgulho do que qualquer outra coisa, salvo os seus elefantes.

Tex encontrou Cleo numa fazenda de animais do Misúri, onde se compravam e vendiam as coleções de bichos dos circos falidos. Os infelizes exemplares ficavam presos em



pequenos engradados. Muitos passavam mal com a inatividade e com as péssimas condições sanitárias. Cleo estava metida dentro de um tanque de cimento com água, tão pequeno que o animal ficava imóvel, só podendo mexer a enorme cabeça.

Tex resolveu levá-la para o seu jardim zoológico que ainda não dispunha de coisa alguma tão espetacular, mas a Prefeitura não queria pagar os 4.000 dólares pedidos por ela. Tex lembrou-se então dos seus amigos, as crianças da cidade, e convocou-os pelos jornais a resgatarem Cleo com seus níqueis. O apêlo teve reação instantânea e Cleo foi viver no jardim zoológico.

Tex tinha profundo interêsse pelas crianças e uma maneira muito sua de manifestar tal interêsse. A primeira vez em que o viu, na década dos 20, êle estava sentado à sua

pequena mesa no jardim zoológico ouvindo o que lhe dizia um polícia do Juizado de Menores, que tinha sob a sua guarda um garôto de cara fechada.

—O juiz me disse que trouxesse êste menino até aqui ao Jardim Zoológico para êle ver como se costumam prender os animais selvagens—disse o guarda, que acrescentou, voltando-se para o garôto que se encolhia:—Se você continuar no ca-

minho que vai, menino, ficará trancado como aquêles tigres ali. Quer mostrar ao garôto como é, Sr. Clark?

Tex, que tivera também uma infância infeliz, tomou da bengala e disse ao garôto:

—Vamos ver os elefantes.

O rapaz seguiu-o humildemente até ao cercado. Também para lá me dirigi.

—Arriba!—gritou Tex, agitando a bengala em frente de Ararat.

O grande animal levantou-se com tôda a sua corpulência e ficou de pé nas patas traseiras até que Tex lhe deu ordem de descer.

—Ajoelha! Levanta-o!—ordenou. —Êle não o machucará—disse Tex ao menino, enquanto Ararat o envolvia delicadamente na tromba e o levantava até à cabeça.

Entronado ali, o rapazinho olhava da sua majestosa eminência as filei-

ras de jaulas embaixo—os macacos e os pequenos animais de um lado, os felinos mortais do outro e, entre êles, um comprido reservatório de cimento onde as focas nadavam e gritavam. O menino, que um momento antes se sentia tão inferior, impava de orgulho.

—Que é que está fazendo?—perguntou o guarda.—Está divertindo o garôto? Nós queremos é castigá-lo.

—Quando eu era menino, o melhor remédio para mim era montar na cabeça de um elefante—disse Tex.—Dá a impressão de que se é alguém. Apareça quando quiser—disse êle ao garôto.—Eu o deixarei montar.

Aquêle garôto ia de vez em quando ao jardim zoológico. Começou a ajudar a alimentar os animais e a limpar as jaulas. Dois anos seguidos, pelo verão, trabalhou ali como servente. Era uma coisa que êle sabia fazer; êle se sentia necessário.

O Juiz E. E. Porterfield, titular do Juizado de Menores, soube da regeneração do garôto e conversou com Tex, dizendo:

—Vou-lhe mandar mais alguns garotos. Mandei aquêle para o jardim zoológico para amedrontá-lo. Não tive coragem de dizer ao guarda que o levasse para uma prisão.

Todos os garotos que o juiz mandou para Tex eram elementos rejeitados da sociedade, como fôra Tex. Êle encontrara um amor no mundo dos animais, agora descobria outro em fazer participar dêsse sentimento os garotos incorrigíveis.

Lembro-me de um rapazinho que

foi levado para o jardim zoológico por haver roubado os níqueis das máquinas automáticas de vender goma de mascar. O seu pavor de montar num elefante foi tal que Tex o levou para o cercado dos avestruzes.

—Olhe naquele canto—disse Tex.—Aquilo é o maior ôvo do mundo; um ôvo de avestruz. É o primeiro que foi pôsto aqui. Poucos garotos já viram uma coisa como essa.

—E agora vou-lhe dar êsse ôvo—continuou.—Leve-o para a escola e mostre-o aos seus colegas e à professora. Mas leve-o para casa amanhã à noite. Sua mãe pode fazer com êle o maior bôlo do mundo. Equivale a 30 ovos de galinha.

O garôto estava chorando. Ninguém até então fizera coisa alguma por êle, mas aquêle homem rude e forte com cicatrizes sorridentes escolhera-o para receber aquêle raro e estranho presente. De repente, êle deixara de ser uma pessoa indigna, um ladrão; passara a ser importante, o dono de um ôvo de avestruz! O garôto não levou muito tempo em estágio probatório. Fôra tratado com amizade por um grande homem, um amigo que êle não podia deixar mal.

Poucas pessoas sabiam do trabalho de Tex no jardim zoológico com os menores delinqüentes. Êle não queria publicidade a êsse respeito com receio de que os seus objetivos fôssem prejudicados, e os jornais concordaram. Tex Clark morreu em 1943. Devia haver em Swope Park um monumento em memória do homem das cicatrizes risonhas.